

Relatorio sobre a epidemia que reinou na cidade de Buenos-Ayres em 1871, apresentado a S. Ex. o ministro e secretario dos negocios do imperio, o Sr. conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, pelo Dr. Luiz Alves dos Santos, professor de botanica e zoologia do lyceu da Bahia e de materia medica e therapeutica da faculdade de medicina da mesma provincia.

(Continuação do n. 120)

CAPITULO II

CARACTERES QUE ASSUMIU A EPIDEMIA

O titulo d'essa parte de meu escripto autoriza-me a tratar de tres classes de assumptos, como vou fazer.

1.^a—Retrospecto historico da epidemia

Desde a 1.^a semana de Janeiro manifestara-se a molestia no bairro de S. Telmo. Ao principio a existencia foi sentida apenas por alguns italianos, que achavam-se ignorantes do caracter real de seu hospede. Aceita a affirmação do *Standard* de haverem desembarcado emigrantes de Genova, vindos na barca que tocara em Barcellona, cidade européa, onde a febre amarella irrompera epidemicamente no fim do anno anterior, acclara-se a questão da importação, attento o logar em que fez a epidemia a erupção—em S. Telmo, onde ha grande numero de *conventillos* ou *casas de inquilinato* para o albergue dos imigrantes pobres. A *officina de immigração*, como se chama em Buenos-Ayres o escriptorio d'esse serviço publico, tem uma *casa de immigrantes*; mas essa casa é demasiado insufficiente para seu fim e é isso talvez devido não só á negligencia das autoridades, como á deficiencia da renda municipal. Os imigrantes italianos são arrumados então nos *conventillos*, especie dos cortiços d'esta côrte. Recebem ahí alojamento pagando por noite um peso papel (quatro vintens em a nossa moeda.)

Esses *conventillos* são uma constante ameaça á saude publica. Os relatorios da policia mostram que ha 91 somente na parochia do *Socorro*, e provavelmente para cima de 400 em toda a cidade. Constituem o ramo de negocio o mais proveitoso que se pode imaginar, dando 10 a 15 % mensalmente sobre o custo d'elles. Consistem geralmente de um andar duplo de quartos, tendo diversas series de camas, com um pateo estreito no centro, e ahí no espaço de 10 a 60 jardas, são agglomeradas centenas de pessoas da classe mais baixa, gente notavel pela ausencia total de aceio nos corpos, e nas habitações.

Meia duzia de peões, ou de lavadeiras eram todos os dias arrebatados, e por fim espalhou-

se o rumor de que a febre estava fazendo estragos em S. Telmo.

Nos circulos medicos se dizia em segredo ao ouvido, com todo o cuidado: « Temos a febre amarella entre nós »; mas não foi senão para o fim do mez, quando já tinham cahido duzentas victimas, pouco mais ou menos, que atreveu-se alguém a dar o alarma. Ainda então alguns medicos contradisseram o rumor, e para confortar o espirito publico, disse um d'elles: « não é nada; é apenas a queda da folha, a estação doentia; não nos devemos surpreender de ver a mortalidade algum tanto acima da media. »

Pouco depois medicos de todos os calibres discutiram a natureza da epidemia; declaravam uns que era febre amarella, outros que era *typhoide* e outros *typho ichteroides*; etc.. Os cadaveres iam sendo enterrados com todos esses diagnosticos escriptos nas guias, e o povo hia continuando a morrer cada vez a mais e mais. O conselho de Hygiene não fez logo publicar instrucções sanitarias, e nenhuma providencias eram tomadas officialmente para não assustar o povo como dizem n'esses casos. No principio de Fevereiro não excediam de 20 as mortes diarias da epidemia; mas continuava o tempo muito quente e cada vez mais se tornava peor o estuio do *Riachuelo*: depressa dobrou a mortalidade. Não obstante attrahiram toda a attenção publica os preparativos para o carnaval, e o povo procurava ignorar a peste, como se assim obstasse os efeitos d'ella. Na quarta-feira de Cinza augmentou a mortalidade; mas ainda limitava-se a febre á localidade onde tinha brotado. Varias medidas foram então propostas, entre as quaes o estabelecimento de um cordão sanitario ao redor da parochia de S. Telmo. Accendiam-se á noite fogueiras nas ruas e carros hiam derramando alcatrão pelas calçadas. Houve a proposta de remover o hospital e para isso arrendar o do « instituto sanitario modello. »

Estabeleceu-se nm lazareto municipal nos suburbios, e o cemiterio do sul foi exclusivamente separado para os que morressem de febre amarella. Era o diagnostico que triumphava. N'esse periodo ainda a febre não dominava a cidade. Só a 22 de Fevereiro o primeiro caso de febre amarella fóra da parochia S. Telmo teve logar na rua *Paraguay*, e perto da rua *Florida*. Esse logar fica ao norte da cidade, perto da praça do *Retiro*, que fica um pouco a cavalleiro do porto de desembarque d'esse lado.

O alarma appareceu então. Nos dias seguintes outros casos foram tendo logar nas ruas da porção norte da cidade, e foi observado pelo conselho de Hygiene que quando a febre amarella espalhou-se de S. Telmo, foi collocando-se ao principio nas ruas atravez das quaes correm os « Terceros » ou rios das ruas a que acima alludí. No fim de Fevereiro augmentou-se a mortalidade. Adoptava a municipalidade todas as medidas que estavam em seu poder; formavam-se commissões parochiaes; limpavam-so as ruas com insolita regularidade; mas a epidemia fazia seus progressos.

Em Março tornou-se cada vez mais furiosa. Os jornaes da cidade procuravam mitigar as más noticias, publicando « menor numero de mortos do que na realidade havia » (*Standard*.) O governo e as autoridades eram infatigaveis nos esforços para adoptar as medidas que as circumstancias aconselhavam, e de que fallarei adiante.

No mez de Março tornou-se geral a epidemia. A parochia do Socorro, ao norte da cidade, considerada uma das mais saudaveis, foi infectada. Na rua « Callão » a mais larga e arejada occorreram numerosos casos e as partes as mais ventiladas de Buenos-Ayres foram as primeiras, e as mais severamente atacadas, enquanto o centro escapava ainda. Eram as do littoral.

A medida da mortalidade na primeira semana de Março era de 70 por dia, e a 8 de Março chegou a 115.

Recommendavam os medicos a todos que deixassem a cidade. A'quelles, cujos negocios exigiam a presença na cidade, aconselhavam que dormissem nos suburbios. Os trens de caminhos de ferro faziam suas viagens accumulados de passageiros. As villas e aldeas proximas as ferro-vias ficaram atonetadas, e de noite ficava deserta a cidade. No meiado de Março, julgava-se que para mais de 100,000 pessoas tinham deixado Buenos-Ayres, e ainda assim augmentava a mortalidade a um alto grau.

Alguns dos principaes jornalistas, medicos e jurisconsultos, n'aquella conjectura, convocaram uma reunião publica na praça da Victoria, na qual foi eleita uma *commissão popular*. Dirigiram-se então do seio d'ella deputações aos governos nacional provincial, e obtiveram, tanto do presidente da republica como do governador da provincia, toda a segurança de cooperação e apoio. O primeiro logo prohibiu o desembarque de immigrants europeos; e o ultimo abriu um credito de dez milhões de pe-

zos para a municipalidade, e tomaram-se logo medidas energicas para a inspecção dos « conventillos » e prover de acomodações as classes obreiras. O panico desgraçadamente tinha-se communicado a todas as classes. Dizia-se que metade dos medicos tinham fugido. Os que restavam achavam-se sobrecarregados de trabalho: uma duzia d'esses heróes da sciencia e da humanidade foram destinados a succumbir a seu espirito de dedicação. Entre esses sobresahiam os medicos inglezes, que no posto de honra a nenhum cediam.

Um moço brasileiro de nome Antonio Barboza, de Oliveira a convite de nosso digno consul alli, o Sr. Adolpho Lisboa, prestou muitos serviços á causa da humanidade, sendo alli depois galardoado pela pupulação com uma medalha de ouro, e por V. Ex. como ministro do imperio com o habito de cavalheiro da Rosa. As irmãs de caridade, francezas e irlandezas, o clero catholico e das congregações ingleza, irlandeza, escosseza e americana deram notaveis exemplos de philantropia e heroismo. Parece que a liberdade religiosa que ha na republica obrigava a certo estimulo da parte de cada ministro de religião n'aquellas horas solemnes e tristes. Muitos clerigos, protestantes e catholicos, serviram muitas vezes de enfermeiros; e muitos parochianos, abandonados de parentes e amigos, expiraram nos braços de um padre, encostando-lhe sobre o hombro a pesada cabeça, que não se devia mover mais. Por esse tempo a mortalidade que a principio tinha sido sómente de italianos, abarcava todas as nacionalidades. Alguns medicos observaram, como já disse, que mui poucas mortes occorriam nas casas de *altos*, ou nos andares superiores dos sobrados. Mas devo notar aqui que especialmente nos districtos mais pobres a maior parte das casas são de um andar apenas. Pelo fim do mez de Março por poucos dias a mortalidade decresceu. Houve a esperanza de que o peor tinha passado já. Sonho vão! que a ultima semana de Março desfez, crescendo então a mortalidade a 350 por dia. Seguiu-se então segundo panico, maior do que o primeiro. Vagões, carros e todas as especies de vehiculos eram tomados a qualquer preço para transportar fugitivos, e trastes para o campo. Alguns levavam consigo barracas de campanha, outros viviam em carros cobertos, outros tomavam o caminho de ferro para os pontos mais remotos. Mas a propria fuga nem sempre era a salvação. Muitas pessoas que tinham deixado a cidade, aparentemente em boa saude, eram atacadas dos fataes sympto-

mas dous dias depois e morriam sem soccorro medico.

E, cumpre notar aqui, Ex. Sr., não transmittiam a molestia a povoação onde se albergavam. Na cidade fazia então a morte espantosa devastação nos « conventillos, » sendo tirados de um só 70 cadaveres de uma vez. Era muito commum para a policia achar cadaveres nos quartos abandonados. Ao principio esses cadaveres anonymos appareciam na lista da mortalidade com as letras *N. N.*; mas depois não foram mais contados absolutamente. Um facto importante se passava então. Ou em razão do terror que despertavam essas scenas, ou em consequencia do delirio que acompanhava a alguns casos da epidemia, o numero de loucos cresceu, e os hospicios de alienados, alli existentes, receberam muitos d'esses infelizes, que ainda lá se acham completamente doudos. Os enterramentos eram feitos com tanta pressa que se deve nutrir a apprehensão de que alguns doentes foram enterrados ainda vivos. Registram-se alguns factos d'esses, entre os quaes o de um brasileiro que servia de enfermeiro em uma casa, e que depois de posto no cemiterio dentro do caixão, quebrou-o, e com grande surpresa dos conductores poz se de pé e deixou a morada dos mortos. A mortalidade até esse mez era calculada em 11,000 pessoas. O governo preparava a toda a pressa um novo cemiterio, o da Chacarita, para o qual fazia-se um ramal da estrada de ferro, para onde as locomotivas do caminho de ferro de oeste faziam o serviço especial do transporte dos defunctos.

Para tão grande mortandade concorria muito a ignorancia e superstição do povo de Buenos-Ayres. Acreditava essa gente que os medicos e os sacerdotes os estavam envenenando lançando de noite pelas ruas os pós do veneno. Essa aberração de espirito não é nova na Republica Argentina. Já em 1867 essa crença (do que são testemunhas todos os brasileiros que ahí se achavam então) dominou em Corrientes, e em Buenos-Ayres. Agora resurgia no meio dos horrores da epidemia nova. Recusavam portanto muitos doentes a assistencia medica, e em alguns casos adoptavão os remedios os mais ridiculos, e os mais prejudiciaes talvez, que lhes suggeriam as imaginações desvairadas. Acontecia muitas vezes que levados por aquelle erro os amigos dos doentes pediam aos facultativos e aos sacerdotes que não os envenenassem com seus remedios. Não ha, pois, razão de surpresa para tão grande mortalidade, quando tantas causas se reuniam para isso, além da lethalidade

propria do mal. No mez de Abril o horror e a devastação chegou ao seu auge. O dia 10 d'esse mez foi o de maior mortandade, como verá V. Ex. do quadro estatistico junto. A commissão popular, já antes d'esse dia publica em uma circular estas palavras: « Ficaram na cidade apenas 30,000 pessoas, das quaes 7,000 estão doentes, e a proporção da mortandade é de 400 a 500 por dia. » No dia 10 foram expedidas 540 guias para inhumações desde o nascer até o pôr do sol. Os coveiros trabalharam até a luz de lanternas, e ainda assim não deram conta de toda a tarefa. Cumpre aqui notar que dos 360 coveiros empregados no cemiterio nenhum morreu da febre.

A 16 de Abril começou visivelmente a declinar a epidemia, descendo a mortalidade á metade. Verdade é que a população estava reduzida a um quarto. Muita gente começou a voltar para a cidade, e a tratar de seus negocios. Recrudescer porém, a epidemia, e o director do corpo medico, a 28 de Abril, dirige ao conselho de Hygiene uma participação official de que consta o seguinte: « Pelas partes que diariamente recebo dos Srs. facultativos ao serviço das parochias d'esse municipio adquiri a convicção que ainda que seja certo que a epidemia de febre amarella declinou notavelmente, o que se deduz não só do numero de enterramentos diarios, mas também da diminuição na apparição de casos novos, não é menos certo que esses ultimos são bastante numerosos para merecerem chamar especialmente a attenção. Se suppozermos que esta cidade conta actualmente com 40,000 habitantes pode se assegurar que, d'esses, 25,000 tem tido a molestia reinante, e então os casos novos que diariamente apresentam-se devem ser considerados como ocorrendo em uma massa total de 15,000 habitantes. Ora hem: n'estes ultimos tres dias pode se calcular mui provavelmente a apparição de 600 novos doentes, o que equivale a 200 casos por dia, e esse Algarismo não é certamente de desprezar.

« Outra observação digna de attenção é que uma grande parte dos atacados novamente são individuos que se achavam fóra d'essa cidade havia algum tempo, já nas povoações de nossa *campanha*, já nas embarcações que sulcam nossos rios. Esses individuos voltaram, crendo passado todo o perigo, e em geral, aos quatro dias depois de estarem n'esta cidade tem sido sorprendidos pelos symptomias prodromicos da febre e muitos terminaram fatalmente em mui poucos dias, achando-se outros em ostade summa-

mente grave. D'estes casos conheço muitos exemplos nas parochias de S. Telmo e da Conceição.

« Outro facto que merece tambem menção especial é que muitos pessoas que durante largo tempo tem estado a fazer visitas por algumas ou por muitas horas do dia, e que pernojavam em pontos mais ou menos distantes d'este municipio, antes o fizeram impunemente e agora tem sido recentemente atacadas pelo flagello. » Depois da exposição d'esses factos, e ouvida a opinião do conselho de Hygiene e da commissão municipal, o governo baixa um decreto, prorogando as ferias que dera a 10 de Abril até 15 de Maio, e aconselhando « que continue o desalojamento da cidade, e que se mantenham ausentes d'ella os que as tinham abandonado, até que possam regressar a seus lares sem o menor perigo para suas vidas. » O decreto é de 29 de Abril.

Depois d'isso vai declinando a epidemia, e o governo em data de 3 de Junho, depois da informação do conselho de Hygiene, que diz a 29 de Maio. « A declinação notavel que se observa já n'esta epidemia, a temperatura que cada vez se torna mais fria, a circumstancia do augmento de povoação no municipio n'estes ultimos dias sem augmentar o numero dos doentes, tornam provavel a prompta extincção do flagello, e até certo ponto auctorisam a V. Ex. a dictar uma medida de tanta importancia para a educação publica, como é a abertura dos estabelecimentos de ensino, » baixa um decreto determinando-a.

Cada vez se vai contando menor numero de casos de então em diante, sendo no dia 1.º de Julho suspenso por um decreto o serviço medico official, e sendo a 11 d'esse mez considerada extincta a epidemia.

(Continúa.)

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNDAÇÃO DO
ASYLO DE ALIENADOS, NA QUINTA DA BOA-VISTA
DENOMINADO S. JOÃO DE DEUS.

Carta dirigida pelo Dr. Demetrio Cyríaco Tourinho á Mesa da
Santa Casa de Misericordia desta capital cleita em
Junho de 1872.

Agora que estão terminadas as difficuldades para a fundação de um asylo de Alienados; agora que se achão removidos os obstaculos creados para a realisação do pensamento humanitario emanado da philantropica Assembléa Provincial de 1864; agora que uma administração illustrada e activa vae de mão firme e prudente lançar os fun-

damentos de um estabelecimento ha tanto tempo reclamado pela civilisação e humanidade; agora que os infelizes que perderão a razão vão ser arrancados ás frias abobadas do Hospital da Santa Casa da Misericordia, ou ás cellulas da Casa de Correccão e restituidos á caridade e á sciencia que os deve receber em seu seio; agora que está finda essa lucta que todos admiramos e que acintosa e calculadamente creou os maiores obices á encarnação de uma idéa nascida sob os mais felizes auspicios; agora é que venho, o mais humilde apostolo da sciencia dirigir-vos estas palavras pela causa de tantos infelizes, a quem por muitas vezes tenho prestado os soccorros de minha profissão, para lamentar todos os dias, todas as horas o abandono em que jazem, privados dos soccorros que a sciencia indica, e a caridade sabe prodigalizar.

Não tenho a pretensão de dirigir-vos: fôra em mim desconhecer em vós o que todos reconhecem e admiram, vossa illustração, criterio: venho somente, levado da compaixão que inspiram os pobres alienados dizer-vos a que estado se acham reduzidos, o que precisam e o que a sciencia recommenda de mais urgente, no momento em que se trata de melhorar-lhes a sorte.

Testemunha ocular das dôres desses infelizes, privados da luz da intelligencia, tendo visitado os primeiros estabelecimentos da Franca em que são elles recolhidos, substituindo por vezes no Hospital da Santa Casa o distincto facultativo a quem estão entregues as enfermarias de alienados, como agora mesmo o faço, eu posso tomando as palavras do poeta latino repetir-vos a respeito delles o *quaeque ipse miserrima vidi*, transido da dôr que compunge o coração de todo aquelle que contempla o quadro tristissimo da razão humana perdida, da razão que é o mais nobre apanagio do homem e o mais precioso dom de que o dotara a Suprema Sabedoria.

Quando em todos os paizes civilizados a philantropia dos governos e a caridade dos cidadãos estendem a mão protectora aos pobres alienados; quando surgem todos esses dias tantas instituições para ampararem os desvalidos, era para lamentar que esta terra que sempre deu provas de sua sympathia christã pelos que gemem, pelos que não acham conforto, se demorasse, por tanto tempo, na realisação de um pensamento tão humanitario,